



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Cindy Conceição Oliveira Costa*

*Universidade Federal do Piauí*

*[orcid.org/0000-0001-6125-1573](https://orcid.org/0000-0001-6125-1573)*

*[cindyoliveira87@gmail.com](mailto:cindyoliveira87@gmail.com)*

*Margareth Torres de  
Alencar Costa*

*Universidade Estadual do Piauí*

*[margarethtorres@cchl.uespi.br](mailto:margarethtorres@cchl.uespi.br)*

*Pacto fáustico em Até Você Saber Quem É  
(2016), de Diogo Rosas G: uma reflexão sobre  
os mitos do individualismo moderno*

*RESUMO: O gênero literário mito, como caracterizado por Jolles (1976), é uma forma simples que surgiu da oralidade e passou a ser usada para justificar fatos e fenômenos da humanidade, precedendo o que se conhece hoje como ciência ou filosofia, até chegar ao seu caráter literário. Na obra analisada, o protagonista Daniel é um escritor em busca de sucesso e conhecimento, que cria uma obsessão pelo demônio após ler Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa. Assim, ele resolve escrever uma obra que retrate a figura do diabo de um modo que considera mais satisfatório, e entre os acontecimentos de sua vida, depois de 24 anos de sucesso, ocorre uma tragédia que coloca em pauta a questão de haver ou não um pacto. Desse modo, este artigo objetiva investigar a presença de um (suposto) pacto fáustico em Até você saber quem é (2016), de Diogo Rosas G. Além disso, apresentaram-se os aspectos que caracterizam o gênero literário mito e a história que deu origem ao mito de Fausto, tendo por base a definição de mitos do individualismo moderno. Metodologicamente, designa-se por uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e, para tanto, foram utilizados como aporte teórico: Watt (1997), Dabezies (2005), Eliade (2016), Kangussu (2020), entre outros. Os resultados obtidos demonstram que a presença do mal é constante no livro e na vida do protagonista, mesmo que Daniel não seja pactário, o seu destino em muito se assemelha com o de Fausto.*

*Palavras-chave: Corpo; Silêncio; Sentido.*

## INTRODUÇÃO



Apesar de ser um gênero primitivo, ainda na contemporaneidade muitas narrativas apresentam características e histórias que remetem a mitos muito antigos. Isso demonstra o quanto muitos deles se tornaram universais, pois ainda no mundo hodierno continuam sendo revisitados e, conseqüentemente, reconfigurados. No livro objeto de análise do presente artigo, podemos perceber essa reconfiguração, não como uma mera imitação de romances já consagrados que retratem a presença do mito de Fausto, de autores como Thomas Mann, Bulgákov, Dostoiévski, entre outros, mas sim de uma maneira original e atualizada.

O autor, Diogo Rosas G., é um diplomata e escritor brasileiro, nascido em Curitiba, em 1976. Morou em seis cidades de cinco países, estudou Direito, Tradução e Filosofia, e muito de sua formação se mostra em seu romance de estreia: *Até você saber quem é*, publicado em 2016. Atualmente, vive na cidade do Porto, em Portugal, com sua mulher e dois filhos. Seu romance mostra muito das tendências que caracterizam a literatura brasileira contemporânea, como a metaficção, a intertextualidade, conflitos internos das personagens, mentes inquietas, entre outras questões.

Na obra analisada, o protagonista Daniel é um escritor em busca de sucesso e conhecimento, que cria uma obsessão pelo demônio após reler *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Assim, ele resolve escrever uma obra intitulada *Os diálogos do castelo*, na qual retrata a figura do diabo de um modo que considera mais satisfatório e em que sua figura é a principal. Com isso, entre os acontecimentos de sua vida, depois de 24 anos de sucesso, ocorre uma tragédia que coloca em pauta a questão de Daniel ter feito ou não um pacto com o demônio.

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo: investigar a presença de um (suposto) pacto fáustico em *Até você saber quem é* (2016), de Diogo Rosas G. Além disso, apresentamos os aspectos que caracterizam o gênero literário mito e a história que deu origem ao mito de Fausto, tendo por base a definição de mitos do individualismo moderno.

Assim, ao analisarmos a suposta ocorrência do mito do mal na obra, fazemos um paralelo comparativo com sua



incidência nos Faustos de Goethe e de Marlowe. Tratando-se de seus procedimentos metodológicos, a presente pesquisa designa-se como bibliográfica, de caráter qualitativo e, para tanto, utilizamos como aporte teórico autores como: Watt (1997), Dabezies (2005), Eliade (2016), Kangussu (2020), dentre outros.

## 1 O GÊNERO MITO

O gênero literário mito, como caracterizado por André Jolles (1976), é uma forma simples que surgiu da oralidade e passou a ser usada para justificar fatos e fenômenos da humanidade, precedendo o que se conhece hoje como ciência ou filosofia, até chegar ao seu caráter literário. Segundo o autor, as “formas simples” seriam: a lenda, a saga, o mito, a adivinha, o ditado, o caso, o memorável, o conto e o chiste. Aquelas que “não são apreendidas nem pela estilística, nem pela retórica, nem pela poética, nem mesmo pela ‘escrita’, talvez.” (1976, p. 20). Assim, esse tipo de narrativa não precisa ser analisada “do ponto de vista da ciência ou da filosofia da história. O que lhe interessa é observá-la enquanto fato de língua.” (ALBERTI, 2003, p. 04).

Para Jolles, as formas simples se constituem na própria língua: “[...] a própria linguagem é um princípio de cultura, de fabricação e de interpretação, no qual se produz, com a maior especificidade, a vinculação a uma determinada ordem.” (1976, p. 25). Dessa forma, a direção de análise que o estudioso situa a sua pesquisa é a morfológica. Pois, para ele, cada vez que a linguagem participa na construção de forma a intervir nesta para vinculá-la a uma ordem dada ou para lhe alterar a ordem e remodelá-la, poderemos então falar de formas literárias. Nesse sentido, as formas simples apresentadas por Jolles são narrativas diversas, que se originaram da oralidade e que o seu surgimento veio da necessidade dos povos de diferentes culturas em explicar determinados fenômenos, como no caso do Mito.

Sobre a sua definição, Jolles (1976, p. 83) aponta uma presente no *Vocabulário de Filosofia*, de Eisler: “Mito [...] é uma concepção da vida e da natureza, uma interpretação da natureza que constitui elemento da religião numa fase determinada da sua evolução e que se funda no imaginário e no antropomorfismo [...]”. Entretanto, as



definições de mito não se encerram facilmente e tampouco em apenas uma. Além disso, o autor articula que o mito constitui apenas um elemento da religião, numa fase originada da sua evolução, e a partir disso vai se tornando possível compreendê-lo.

Dessa forma, o caráter primitivo do mito se remete a uma fase preliminar, o que faz dele a origem do desenvolvimento da ciência e da filosofia que conhecemos hoje, pois sempre houve a necessidade do homem em querer compreender o universo, uma vez que: “quer entendê-lo com um todo, mas também seus pormenores, como a Lua ou o Sol. [...] o homem está diante do universo e que o interroga. [...] Quando o universo se cria assim para o homem, por pergunta e resposta, tem lugar a Forma a que chamamos de Mito.” (JOLLES, 1976, p. 87-88).

Destarte, através do ato de perguntas e respostas, o mito torna-se um lugar onde algo se cria a partir dessas indagações. Corroborando essas aceções, para Grigoletto (2014, p. 02): “Existência pressupõe questionamento”, sendo assim, a cosmologia primitiva na qual o homem buscava as respostas sobre suas inquietações e soluções de mistérios, tornou-se capaz de produzir as respostas que eles precisavam, e por muito tempo se tornou a chave para a compreensão do mundo e do que os cercava.

Como dito anteriormente, são várias as definições de mito. Para Eliade (2016), a que lhe parece mais adequada, por ser mais ampla, é a seguinte:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais [os personagens dos mitos], uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, uma narrativa de “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. [...] Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. (Ibid., p. 11, grifos do autor).

À vista disso, o autor explica que essas irrupções do sagrado fundamentaram o que o mundo se converteu hoje, bem como é justamente em razão das intervenções do que ele chama de



Entes Sobrenaturais que também o homem tornou-se o que é hoje: um ser mortal, sexuado e cultural.

Após esse primeiro momento de tentativa de definição, o mito tomou diferentes significações. A que utilizaremos para o desenvolvimento desta pesquisa corrobora com a noção de Eliade, na qual o mito é uma realidade cultural assaz complexa, que pode ser interpretada e/ou abordada sob perspectivas diversas e complementares, bem como se torna “o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.” (2016, p. 12). Essa acepção entra em consonância com as noções de mitos do individualismo moderno, de Ian Watt, nos quais as figuras centrais que tratam esses mitos tornaram-se modelos de interpretação de mundo e de comportamentos humanos, em determinadas épocas.

## **2 MITOS DO INDIVIDUALISMO MODERNO: ALGUMAS REFLEXÕES**

O individualismo, como caracterizado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (2019) –em uma conferência trazida pelo canal Fronteiras do Pensamento – pode ser entendido como uma nova forma de valores modernos, a qual coloca a autoridade do indivíduo em relação a si mesmo e em relação às leis. Desse modo, o indivíduo significa o princípio segundo o qual cada um é reconhecido como livre. A partir dessa perspectiva, o individualismo pode significar a liberdade de viver ao seu modo e, também, de sofrer as consequências dessas escolhas.

Como elucida Pelogia (2017), Lipovetsky concebe o individualismo em duas fases, as quais se referem a processos de individuação do homem que vieram da sua construção existencial, na primeira e na segunda modernidade. Assim, o individualismo como concebido por ele, possui diferenciações que estarão ligadas à sua época, aos valores da sociedade em determinados períodos.

Nesse sentido, de acordo com Rodrigues (2013), a revolução cultural que colocou o homem no centro e diminuiu cada vez mais a crença em uma onipotência divina foi um dos principais aspectos para o desenvolvimento do individualismo. A autora também aponta em sua análise o fato de que, no ocidente, o individualismo moderno que impulsionava



a sociedade para o desenvolvimento configurou-se mais como um “gerador de desigualdades e de violência.” (*Ibid.*, p. 04).

Destarte, podemos perceber essas questões acontecendo com cada um dos quatro personagens da literatura ocidental apresentados por Ian Watt: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robson Crusóé. Para o autor, esses personagens se tratam de mitos com enredos que:

[...] mostram os protagonistas envolvidos de forma exclusiva com uma das aspirações características do homem ocidental. Cada um deles corporifica uma [...] excepcional bravura e um ruidoso descomedimento, em esferas de ação de particular importância na nossa cultura. Dom Quixote, a generosidade impetuosa e a cegueira limitativa do idealismo cavalheiresco; Dom Juan, possuído e ao mesmo tempo atormentado pela ideia da ilimitada experiência com as mulheres; Fausto, o grande conhecedor, cuja curiosidade, sempre insatisfeita, acabará por levá-lo à danação. (WATT, 1997, p. 13).

Os três primeiros mitos citados estão fortemente ligados ao positivismo e ao individualismo que surge no Renascimento. São personagens que querem seguir o seu próprio caminho, seus desejos, sua liberdade, e por isso mesmo entram em conflito com os ideais de sua época. Já o mito de Robson Crusóé está mais ligado a atitudes econômicas, sociais e religiosas que vieram após a Contrarreforma<sup>1</sup>, bem como “no contexto do desenvolvimento do individualismo, a tardia data de sua criação – 1719 – deve ser vista como algo que pesa no argumento geral do livro.” (*Ibid.*, p. 15). Além disso, também se relaciona a questões referentes à solidão e ao isolamento dos indivíduos.

De acordo com Watt (1997), a maioria dos mitos do mundo ocidental originou-se de figuras ou de histórias clássicas e bíblicas, tendo em vista que justamente por serem muito conhecidas, demarcam e influenciam pensamentos e comportamentos em determinadas épocas e sociedades. No caso dos mitos literários abordados por ele, apenas o de Fausto se originou de uma figura real e histórica, pois os outros são o que se convencionou chamar de “mitos de papel”, tendo em vista que são personagens criados para as obras ficcionais as quais protagonizam.

Ainda segundo o autor, Fausto, Dom Quixote e Dom Juan se qualificam igualmente pelas energias positivas e individualistas do Renascimento, pois cada um deles quer seguir o seu caminho próprio, e não o dos outros. No entanto, “eles próprios entram ideológica e politicamente em conflito com as forças da Contra-Reforma; e



são punidos por isso. E pecadores, é claro, são sempre mais interessantes do que santos.” (*Ibid.*, p. 14-15).

Ademais, Watt (1997) elucida que a completa mudança na maneira de enxergar esses quatro mitos, ocorrida no período romântico, demonstra uma dupla confirmação do que foi dito, pois com o crescente domínio do novo individualismo – que também caracteriza essa nova fase da literatura – foram eliminados os elementos punitivos da Contrarreforma existentes nas versões originais desses mitos.

Assim, novas versões mais simbólicas mudaram o modo como até certo momento os quatro personagens eram entendidos e, com isso, “No século XIX todos eles difundiram-se pelo Ocidente inteiro, tornaram-se internacionais e adquiriram um status de universalidade.” (*Ibid.*, p. 15), o que se reflete na sua contínua reconfiguração na história da literatura. Dessa maneira, os quatro mitos apresentados pelo autor não são propriamente “sagrados”,

[...] mas derivam da transição do sistema social e intelectual da Idade Média para o sistema dominado pelo pensamento individualista moderno, e essa transição foi ela própria marcada pelo notável desenvolvimento de seus significados originalmente renascentistas para os seus atuais significados românticos. (*Ibid.*, p. 16).

A partir dessas asseverações, para Watt, o mito seria “uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade.” (1997, p. 16). Nesse sentido, os mitos do individualismo moderno estão relacionados com as falhas humanas, com o desejo de liberdade, de conhecimento, de prazer, com os conflitos internos e sociais que em muito se refletem também no mundo contemporâneo e por isso foram se reconfigurando desde o momento de sua criação.

### 3 Dr. FAUSTO E A BUSCA PELO ABSOLUTO

*“A inteligência, a sensibilidade e a espiritualidade de Satã são sempre exatamente proporcionais à inteligência, à sensibilidade e à espiritualidade do indivíduo sobre quem ele está trabalhando.”*

– Rosas G.



Dos quatro mitos apresentados por Ian Watt, o de Fausto é por ele considerado único, uma vez que “começa, indubitavelmente, com uma pessoa real e histórica.” (1997, p. 19). O mito de Dr. Fausto pode ser considerado como o grande exemplo do que seria um mito do individualismo moderno, tanto por ter se originado de uma figura real, quanto por conter questões que mesmo na modernidade e na pós-modernidade ainda se tornam presentes. Dessa forma, de acordo com o autor:

Na Alemanha das quatro primeiras décadas do século XVI era largamente conhecido um mágico errante que atendia pelo nome de Jorge (Jörg em alemão, Georgius em latim) Faust ou Faustus; às vezes ele era mencionado simplesmente como Doutor Faust [Fausto]. Seu nascimento ocorreu possivelmente por volta de 1480, na pequena cidade de Knittlingen, no norte do Württemberg; e é provável que tenha morrido pela altura de 1540, ao que tudo indica em Staufen, outra pequena cidade do Württemberg, um pouco ao sul de Freiburg. (WATT, 1997, p. 19).

A voz de Pedro é a voz do pai: “a voz de meu irmão, calma e serena como convinha, era uma oração que ele dizia quando começou a falar (era o meu pai) da cal e das pedras da nossa catedral” (NASSAR, 1989, p. 16). Pedro é para André a encarnação fiel da figura paterna.

Como apontado por Nery (2012), o suposto mago não era bem quisto pelas autoridades religiosas e civis da época, visto que a magia era caracterizada como algo abominável para o Cristianismo, ao contrariar principalmente o que a Igreja Católica reivindicava para si: a exclusividade do controle e conhecimento sobre o mundo sobrenatural.

No entanto, não foi apenas a ortodoxia católica que configurou a luta contra Fausto, mas principalmente os novos pastores protestantes, “talvez pelo contexto geográfico no qual a personagem teria vivido, berço do protestantismo.” (*Ibid.*, p. 510-511). Dessa forma, como explica o autor, foram Lutero e seus seguidores os responsáveis por imbuir a relação entre Fausto e o Demônio, além de outras características do pacto fáustico. Com isso, foi instituído um Fausto como exemplo do homem que pactuou com o Diabo e sofreu as consequências de seu ato, o que se reflete na possível morte do protagonista realizada pelo próprio demônio, como um consenso em praticamente todos os escritos. Isso se revela também em algumas narrativas que possuem um tom moralizante.

De acordo com Watt (1997, p. 20), desde o início, a história da magia é muito relevante para uma compreensão mais



completa do mito de Fausto. Pois, na época “tanto os analfabetos quanto os letrados viam-se como habitantes de um mundo em larga medida governado por forças espirituais invisíveis.” Assim, como elucidado pelo autor, o mito de Fausto desponta no momento em que o cristianismo, no seu desenvolvimento, acredita ter polarizado os mundos do humano e do sobrenatural em um conflito entre o bem e o mal, atribuindo à luta entre as duas partes uma nova intensidade e um novo rigor. Isso proporcionou, de modo inevitável, “ao Diabo e sua hierarquia uma importância teológica e psicológica sem precedentes.” (*Ibid.*, p. 27).

Segundo Nery (2012), o primeiro registro literário do mito de Fausto, que chegou para Marlowe e Goethe, foi o do livro publicado sobre a vida do mago, em Frankfurt, no ano de 1587, por Johann Spiess. A obra constituía 227 páginas e se intitulava *Historia von dr. Johann Fausten* ou, como ficou largamente conhecida, *Faustbuch*. É considerada a narrativa que permitiu a Mefistófeles, o demônio ao qual Fausto assina o pacto, como uma figura recorrente na literatura ocidental. Assim,

No *Faustbuch* está presente, principalmente na parte final, a preocupação do protagonista com a danação e o fim trágico que o aguarda demonstrando a angústia e a necessidade do arrependimento dos supostos erros cometidos perante Deus. [...] A moral reiterada no desfecho é de que o futuro daqueles que desafiam Deus, os orgulhosos, os soberbos e os que possuem ambição desmedida, é o convívio eterno com Satanás e com o inferno. (*Ibid.*, p. 547-551).

Ainda de acordo com o autor, essa considerável atenção dada ao personagem do demônio Mefistófeles, em seus diálogos com Fausto, faz com que se perceba a sua proximidade com os lamentos humanos, assim como a “expressão de elementos individualistas que é a marca registrada de Fausto, principalmente nas releituras vindouras do mito.” (NERY, 2012, p. 586-587).

No que se refere ao Fausto de Marlowe, para Watt (1997, p. 47), nele é perceptível “[...] uma visão universalista do conhecimento e uma visão que proclama a absoluta primazia do ego individual.” Já no de Goethe, vemos “No plano psicológico, o individualismo secular e antinomiano do personagem Fausto às vezes o transforma em um negador anti-social.” (*Ibid.*, p. 207-208). Além disso, o individualismo do Fausto de Goethe é tão-somente uma ativa e ininterrupta busca da experiência em si, pois “ele sabe que não há paz à vista, nem mesmo no



final; mas, ao que parece, dá as boas vindas a essa triste constatação.” (*Ibid.*, p. 209). Destarte, no romance de Diogo Rosas G., podemos perceber referências aos Faustos dessas duas narrativas encarnados no protagonista Daniel, o qual se mostra tanto quanto um negador antissocial, quanto em alguém em busca da experiência e do conhecimento em si, sem se importar com o seu desfecho trágico, além de levar outras pessoas consigo.

Portanto, entendemos que Fausto é uma metáfora do que se convencionou chamar de “homem fáustico”. De uma maldição que orbita sobre o homem – a maldição do desejo, da ganância, do desejo de poder. Watt analisa os mitos do individualismo moderno e chega à conclusão que este é um dos mais atuais, uma vez que o homem moderno é a representação mais fidedigna do desejo fáustico, pois ele fez um pacto com o progresso, com o capital, com um estilo de vida que poderá levá-lo à tragédia. Assim, como elucida Costa (2013), o mito literário de Fausto é a própria representação da eterna inquietude do homem.

232

#### **4 O (SUPOSTO) PACTO FÁUSTICO ATÉ VOCÊ SABER QUEM É**

*“Until you know who you are you can't write.”*

– Salman Rushdie.

Quando se discute o que é contemporâneo, Schøllhammer (2009) elucida que para apreender esse momento presente é necessário visualizar o passado, buscando compreendê-lo, para então perceber a sua própria época. Partindo desse pressuposto, podemos considerar que Diogo Rosas G. traz em seu romance *Até você saber quem é* (2016) uma ligação com o passado, que está presente na sua intertextualidade com o mito de Fausto na literatura. Assim, nessa revisitação ao passado, a ficção demonstra o quanto tais questões contemporâneas têm um fundo histórico relacionado com as buscas humanas e com o viver em sociedade.

Dessa forma, como explica Samoyault (2008, p. 68) “[...] as práticas intertextuais informam sobre o funcionamento da memória que uma época, um grupo, um indivíduo tem das obras que os precederam ou que lhe são contemporâneas”. Além disso, a autora elucida o fato de que o discurso literário se torna autônomo do real, além de ter uma



autorreferencialidade, pois “a literatura toma a literatura como modelo” (*Ibid.*, p. 74), o que fica evidente no próprio romance, através das referências literárias sempre presentes, como nas alusões a Goethe, Guimarães Rosa ou Paulo Leminski.

A intertextualidade, a metaficção, e a não linearidade são marcas dessa narrativa, bem como a temática da busca pela genialidade, e a conseqüente solidão e loucura. A metaficção, como caracterizado por Bernardo (2010), seria um fenômeno estético no qual a ficção fala sobre si mesma, esse fenômeno se mostra presente, pois a narrativa contém livros dentro do próprio livro, além de as alusões sobre o processo de escrita estarem sempre presentes.

Conhecemos a história de Daniel através do livro que seu amigo Roberto escreve, intitulado *A vida do escritor brasileiro Daniel Hauptmann, narrada por um amigo*. Com isso, temos o suceder dos eventos apenas sob a perspectiva de Roberto, o que também faz com que o livro contenha uma não linearidade, uma vez que se divide entre os relatos contidos em *A vida do escritor...* e no que se sucede na narrativa “real”, que contém as sessões de terapia de Roberto e seus encontros com outras pessoas envolvidas na vida de Daniel, onde ele conta também a história.

Dessa forma, assim como no livro do poeta alemão Johann Wolfgang Von Goethe, de 1808, que trata da história de Fausto, o homem que faz pacto com o diabo, ele começa com um personagem principal que se lamenta sobre o vazio que carrega dentro de si, apesar do vasto conhecimento que possui. São esses vazio e insatisfação que fazem com que Fausto procure o lado espiritual, como os mistérios da vida e da magia, e Daniel comece a sua busca incessante por escrever uma obra-prima da literatura que lhe traga sucesso e reconhecimento.

Logo nas primeiras páginas do livro, podemos perceber a estratégia da metaficção sendo utilizada:

Se muitos hoje se voltam para a sua história com horror e repulsa, depois de havê-la acompanhado durante anos com admiração e entusiasmo, é preciso reconhecer que não fazem mais do que reproduzir em grande escala o caminho que eu mesmo trilhei desde a juventude. Parece natural que a mim, e a mais ninguém, caiba a tarefa de escrever este relato, o primeiro sobre a triste vida de Daniel Hauptmann após sua sombria morte. (ROSAS G., 2016, p. 14).

Assim, Roberto dá início ao seu relato, que se inicia desde a noite em que conheceu Daniel em uma festa da



faculdade na qual ele estudava. Roberto se encantou com o jeito gentil e inteligente de Daniel, o que torna ainda mais estranho o modo como ele mudou ao longo do tempo, passando de um jovem cheio de sonhos e curiosidade a alguém amargurado, depressivo e sombrio: “Fiel a seu modo de ser, Daniel queria saber tudo, abarcar tudo, ler tudo: religiões do oriente, ocultismo, mistérios antigos, teurgia, teologia, dogmática, heresias cristãs dos primeiros séculos, angelologia, [...] – nada escapava de sua voracidade de conhecer.” (*Ibid.*, p. 165).

Após a noite em que se conheceram, os dois mantiveram uma parceria até mesmo no trabalho, o que fez Roberto acompanhar o amigo em todas as suas viagens e encontros com editores. Em sua primeira viagem a São Paulo, onde havia um editor interessado na publicação do livro de Daniel, ocorre um acidente com um caminhão na estrada enquanto eles viajavam: “O caminho está trancado, Roberto. O caminho está trancado – repetia, balançando a cabeça. – Morte na estrada. É incrível, sair de lá é ainda mais difícil do que pensei. – A travessia – murmurei. – Sim, a travessia.” (*Ibid.*, p. 21). Nesse fragmento, vemos que o protagonista encara Curitiba, sua cidade, como um local que lhe aprisiona, ou que não lhe é suficiente. Utilizando a referência da travessia do Liso do Sussuarão presente em *Grande Sertão*, vemos mais uma vez o mito de Fausto irrompendo, uma vez que o suposto pacto de Riobaldo se relaciona justamente com o fato dele ter vencido a batalha no Liso, algo praticamente impossível, um feito que apenas ele conseguiu:

Repare como a travessia física é um espelho de outra viagem, interior e espiritual. Repare na homologia entre a alma e o mundo. Para atravessar o deserto, Riobaldo teve primeiro de completar a viagem em sua alma, afinal “o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva”. A travessia, Roberto, ela é a chave! (*Ibid.*, p. 195).

Dessa forma, a travessia, a viagem de Daniel a São Paulo, marca esse primeiro momento, pois como só passamos a compreender mais a frente na narrativa, no dia que se sucede a viagem, ele já havia se encontrado com a figura que nos sugere se tratar do próprio demônio, que lhe promete dar-lhe o que ele deseja em troca de sua vida.

Assim como na narrativa, nossa análise não seguirá uma linearidade nos

fatos apresentados, sendo assim seguiremos a própria complexidade do relato e tentaremos fazer compreender.



Dessa forma, apesar de ser uma pessoa tão admirável por todos a sua volta, Daniel possuía uma relação conflituosa com seu pai, que havia planejado toda uma vida para ele como advogado, mas que Daniel rompeu escolhendo ser escritor. Destarte, foi após uma de suas brigas com o pai que começa a reler o romance de

Guimarães Rosa, o que lhe deu a epifania de que nunca haviam escrito no país um livro que retratasse a figura do demônio: “Em poucos dias, Riobaldo e Satanás penetraram em nosso escritório como uma fumaça que se insinua pelas frestas de portas e janelas até ocupar todo o ambiente.” (*Ibid.*, p. 190).

A partir dessa releitura Daniel começa o seu declínio e obsessão: “Era óbvio desde o começo, não era? Se eu mesmo percebi que faltava um bom retrato do Demônio na literatura brasileira, como poderia ser mais óbvio? Eu vou criar esse retrato, Roberto, e ele vai me tirar daqui.” (*Ibid.*, p. 205). Ele não conseguia mais falar ou fazer outra coisa, já não dormia mais e fazia longas caminhadas pela madrugada nas ruas da cidade. Não sabemos ao certo quando o seu suposto encontro com o demônio ocorreu, mas muito provavelmente foi em uma dessas caminhadas.

Outro elemento que marca a presença do mito é a temporalidade na qual o sucesso de Daniel durou. A publicação de seu livro ocorreu no ano de 1993, e a sua tragédia em 2016, ou seja, foram exatos 24 anos sendo um dos escritores mais reconhecidos no Brasil e internacionalmente, assim como os anos que Mefistófeles deu ao Fausto de Marlowe. Ademais, apesar de tudo o que conquista, Daniel vai gradativamente mudando o seu jeito de ser e cada vez mais se tornando sombrio, como se algo a todo o momento lhe perturbasse a mente ou estivesse uma data marcada para acontecer: “[...] algo em Daniel foi se tornando cada vez mais opaco à medida que uma depressão negra e sinistra descia sobre ele. [...] Inquieto e triste, sua expressão assumiu um ar permanente de angústia.” (*Ibid.*, p. 115).

Desse modo, como explica Costa (2013, p. 110), o individualismo pode tornar o indivíduo “tão egocêntrico que se torna o mal, presente em todos os seres humanos na modernidade”. O egocentrismo do protagonista passa se algo relacionado à sua sede de conquista a um voltar-se para si que o aprisionou dentro de sua própria escuridão. Como fala Roberto:

Vinte anos mais tarde, continuo tão incapaz de entender com clareza o que aconteceu quanto o fui à época. Tudo o que posso afirmar, consciente de que escrevo sem explicar, é que algo em Daniel foi se tornando cada vez mais opaco à medida que uma depressão negra e sinistra descia sobre ele. [...] Inquieto e triste, sua expressão assumiu um ar permanente de angústia. (*Ibid.*, p. 115).



Neste caso, percebemos que mãe e filho estabelecem um diálogo aflito somente através do olhar. A mãe grita. O grito é mudo, só os olhos escutam.

Destarte, no decorrer da narrativa vemos pequenos fragmentos nos quais Daniel dá pistas do porquê de seu comportamento: “O isolamento, a solidão. Nada mudou, nada nunca vai mudar. Aqui, em Paris, no Natal de 2003, percebi que eu fui ele, e depois outro será eu, e todos nós enlouqueceremos aos poucos e morreremos uma morte triste.” (*Ibid.*, p. 150). Assim, mostra-se evidente na narrativa também marcas que em muito caracterizam algumas das ficções contemporâneas que se passam em grandes metrópoles, como o isolamento, a incapacidade de se comunicar com o mundo, a solidão.

Mais a frente, chega o momento da noite fatídica, onde se sugere também o possível pacto. Foi na noite da reedição comemorativa de 24 anos do romance de Daniel que após a festa, ele aparece no apartamento onde ocorria uma reunião de comemoração entre seus amigos, companheira, editor-chefe e Roberto. Daniel entra e atira em todos no ressurto e depois se suicida. Apenas Roberto sobrevive àquela noite com ferimentos graves, o que o faz anos depois resolver escrever sobre a sua história.

É através desse empreendimento que ele encontra manuscritos e anotações de Daniel, como o trecho seguinte:

[...] De repente, quando ergui a cabeça, percebi um silêncio assustador, terrível. Os carros tinham desaparecido, os pedestres também, a rua estava vazia como se fosse de madrugada. O sinal estava fechado para mim, mas resolvi atravessar. Do outro lado, ao mesmo tempo, um homem começou a andar na minha direção. [...] Não precisei nem olhar para trás. Na hora eu soube quem estava ali. Eu chamei seu nome e Ele veio. Pedi e Ele me ajudou. Durante vinte e quatro anos Ele me fez companhia e andou a meu lado. Agora, preciso dormir. (*Ibid.*, p. 213, grifos do autor).

O fragmento narra o suposto momento em que Daniel se encontrou com o Diabo e onde selou o pacto, bem como dá a entender que o motivo do protagonista ter feito o que fez foi



como um modo dele próprio tirar a sua vida, antes que algo viesse lhe buscar, assim como ocorreu com as lendas veiculadas ao mito de Fausto e nas narrativas que sucederam.

Portanto, vemos no romance de Rosas G., que o mito de Fausto possui um significado universal, uma vez que configura o mito do homem moderno, aquele que busca dar um significado à sua vida, que vai a busca do desejo e do conhecimento da vida, dos mistérios, do sucesso. É por esse motivo que o mito fáustico se transformou em um o que muitos estudiosos chamam de “mito vivo”, por ser interpretado enquanto uma narrativa que configura um modelo para o comportamento humano.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo as asseverações de Eliade (2016), o mito é um ingrediente vital para a civilização humana, não como uma fabulação, mas sim como uma realidade viva, uma vez que não é apenas uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas sim uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática. Isso demonstra o quanto a mitologia modifica e se reflete no comportamento humano, bem como se imortaliza influenciando as artes no geral, até mesmo na contemporaneidade.

Dessa forma, após o estudo apresentado, tornou-se evidente que a obra em questão, através de sua intertextualidade com o mito de Fausto na literatura, demonstra como a sua figura e o que ela representa se mostra presente no indivíduo moderno – tendo em vista que o mito pode ser entendido como a representação simbólica do ser humano e da sociedade. Assim, Fausto simboliza o que é o mito do individualismo moderno e isso se reflete no personagem Daniel.

Além disso, *Até você saber quem é* (2016) apresenta elementos que em muito caracterizam a literatura brasileira contemporânea, como a metaficção, a narrativa não linear, as mentes inquietas, os conflitos internos, as obsessões, o estado de isolamento do protagonista por sua incapacidade de se comunicar com o mundo, entre outras questões, o que também corrobora com as noções ligadas ao individualismo, presente tanto na modernidade quanto na pós-modernidade.



Destarte, como explica Dabezies (2005), enquanto levamos a sério o mal e a alienação que ele representa, reconhecemos a ambiguidade dos desejos e dos impulsos do homem, Fausto continuará a encarnar a dupla vertigem que se encontra no próprio cerne da condição humana. Portanto, a presença do mal se mostra constante no livro analisado e na vida do protagonista, pois mesmo que Daniel não seja um pactário, ou que todo o conflito da narrativa seja decorrente da sua mente perturbada, o seu destino em muito se assemelha com o de Fausto.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais...* João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.

BERNARDO, Gustavo. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

COSTA, Margareth T. A. A presença do mito de Fausto em O sol dos trópicos. In: SILVA, Marinalva Freire da. (Org.). *Literatura & linguagens*. João Pessoa: Sal da Terra, 2013. p. 106-131.

DABEZIES, André. Fausto. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 334-341.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução: Pola Civelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. *Gilles Lipovetsky – O que é “individualismo” afinal?*. 2019. (03m08s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=FuA\\_rii0ySs](https://www.youtube.com/watch?v=FuA_rii0ySs)>. Acesso em: 18 out. 2020.

GRIGOLETTO, Cassiana. Reflexões epistemológicas acerca da narrativa literária: do contexto ao texto. *Revista Investigações*. vol. 27, nº 1, p. 01-22. jan.-mar., 2014.

JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

NERY, Antonio Augusto. Primórdios do mito Fáustico: o Faustbuch e o Fausto de Christopher Marlowe. In: MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo *et al.* (Orgs.). *O demoníaco na literatura* [livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 501-710.

PELOGIA, Thiago. *Narciso: ou o individualismo moderno em Gilles Lipovetsky*. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas.

RODRIGUES, Jussara da Silva. Vendredi ou les limbes du pacifique: uma nova perspectiva do individualismo moderno na sociedade contemporânea. *Acta Scientiarum - Language and Culture*. Maringá, v. 35, nº. 1, p. 01-09. jan.-mar., 2013.



ROSAS G., Diogo. *Até você saber quem é*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SAMOYAUULT, Tiphane. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

WATT, Ian P. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aprovado em 06 de junho de 2020.

239

## FAUSTIC PACT IN ATÉ VOCÊ SABER QUEM É (2016), BY DIOGO ROSAS G: A REFLECTION ON THE MYTHS OF MODERN INDIVIDUALISM

**Abstract:** The literary genre myth, as characterized by Jolles (1976), is a simple form that arose from orality and began to be used to justify facts and phenomena of humanity, preceding what is known today as science or philosophy, until it reached its literary character. In the work analyzed, the protagonist Daniel is a writer in search of success and knowledge, who creates an obsession for the devil after rereading *Grande Sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. Thus, he decides to write a work that portrays the figure of the devil in a way he considers more satisfactory, and among the events of his life, after 24 years of success, a tragedy occurs that puts on the agenda the question of whether or not there is a pact. Thus, this article aims to investigate the presence of a (supposed) pact in *Até você saber quem é* (2016), by Diogo Rosas G. In addition, the aspects that characterize the literary genre myth and the history that gave origin to the myth of Faust were presented, based on the definition

PACTO FAUSTICO EM ATÉ  
VOCÊ SABER QUEM É...  
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.19,  
p. 223-240, jul./dez. 2021  
ISSN 2525-3441

of myths of modern individualism. Methodologically, it is designated by a bibliographic research of qualitative character and, for such, were used as theoretical contribution: Watt (1997), Dabezies (2005), Eliade (2016), Kangussu (2020), among others. The results obtained show that the presence of evil is constant in the book and in the life of the protagonist, even if Daniel is not a pactarian, his destiny is very similar to Faust.



**Keywords:** Myth; Faustic pact; Modern individualism; Até você saber quem é; Diogo Rosas G.

---

<sup>i</sup> A chamada Contrarreforma, antes do acordo ortográfico “Contra-Reforma”, foi um movimento criado pela igreja Católica a partir de 1545, em contraposição à Reforma Protestante de Martinho Lutero. Com ela foram estabelecidas novas medidas e regras de condutas sociais e religiosas extremamente rígidas.